

O prefixo *des-* e palavras de valor negativo no período  
arcaico da língua portuguesa, vistos a partir de uma breve  
análise das *Cantigas de Santa Maria*

*The prefix des- and negative words in Archaic Portuguese period,  
considered from a brief analysis of the Cantigas de Santa Maria*

Débora Aparecida dos Reis Justo Barreto\*  
Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, Brasil

Tamires Costa e Silva Mielo\*\*  
Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, Brasil

Gladis Massini-Cagliari\*\*\*  
Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, Brasil

**Resumo:** O presente trabalho tem por finalidade analisar dois mecanismos bastante distintos em forma e função, mas que se aproximam em sentido, uma vez que denotam negação, do sistema do português da época arcaica: o prefixo *des-* e palavras de valor negativo (tais como *sen, nunca, se non, senon, nen, non*). Para tanto, foram observadas as dez primeiras *Cantigas de Santa Maria*. Foi possível verificar que o prefixo *des-*, ainda presente no Português Brasileiro atual, já se mostrava produtivo no sistema linguístico do século XIII, formando novos vocábulos por meio de bases verbais e nominais, ‘negadas’ a partir da adjunção do prefixo. Além disso, constatamos que as partículas com valor negativo no Português Arcaico apresentam um comportamento semelhante ao desses mesmos elementos no Português Brasileiro moderno, tanto com relação à produtividade como no que diz respeito à sua disposição organizacional.

**Palavras-chave:** Prefixo *des-*. Palavras de negação. Português Arcaico.

**Abstract:** This paper aims to analyze two mechanisms, very distinct in terms of form and function, but close in what concerns to meaning, in the sense that both refer to negation, in Archaic Portuguese system: the prefix *des-* and negative words (such as *sen, nunca, se non, senon, nen, non*). To do so, the first ten *Cantigas de Santa Maria* were observed. It was possible to verify that the prefix *des-*, still current in Brazilian Portuguese, was already productive, able to be attached to both nominal and verbal stems. Furthermore, particles with negative value in Archaic Portuguese present a similar behavior to these same elements in modern Brazilian Portuguese, both regarding their productivity and their organizational layout.

**Keywords:** Prefix *des-*. Negation words. Archaic Portuguese.

---

\* Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP, Araraquara, SP, Brasil, Bolsista FAPESP (Processo 2018/24793-3); [debi\\_barreto@hotmail.com](mailto:debi_barreto@hotmail.com)

\*\* Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP, Araraquara, SP, Brasil; [tamires.mielo@gmail.com](mailto:tamires.mielo@gmail.com)

\*\*\* Professora Titular, Departamento de Linguística, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP, Araraquara, SP, Brasil, Bolsista CNPq (Processo 303297/2013-3); [gladis.massini-cagliari@unesp.br](mailto:gladis.massini-cagliari@unesp.br)

## 1 INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

O presente estudo visa promover uma investigação de dois processos distintos em forma e função, mas que se aproximam em sentido, uma vez que denotam negação, o prefixo *des-* e palavras de valor negativo (tais como *sen, nunca, se non, senon, nen, non*), no português arcaico (PA), por meio da análise das dez primeiras *Cantigas de Santa Maria*, atribuídas a Afonso X (1221-1284). A partir do exame das ocorrências dos processos aqui focalizados, pretende-se demonstrar como eram utilizados tais mecanismos sintáticos e morfológicos nessas cantigas. O trabalho ora empreendido mostra sua relevância pelo fato de não haver estudos voltados ao fenômeno no PA. Espera-se que as considerações aqui retratadas despertem o surgimento de novas reflexões a respeito da referida temática.

O *corpus* deste artigo é composto por um recorte da lírica religiosa e o material assumido é a edição de Mettmann (1986) das poesias do medievo. Trata-se, pois, de registros gráficos das cantigas remanescentes da fase trovadoresca, época que se caracterizava por possuir um sistema de escrita de base alfabética, no qual a prosódia da língua não era especificamente marcada. Por fornecerem um panorama dos aspectos fonéticos, morfológicos e sintáticos do PA, optou-se por trabalhar com essas obras (cantigas). Segundo Mattos e Silva (2006, p.17), a partir do estudo das variações morfológicas e sintáticas presentes nas composições religiosas, é possível definir quais eram as possibilidades estruturais em vigor na Idade Média. Além disso, tais informações revelam certas indicações sobre as transformações que vieram a ocorrer e que, em decorrência da normatização gramatical, os documentos escritos deixaram de assinalar, já que apenas uma parte das variantes existentes é eleita para integrar a ortografia padrão do idioma.

FLP21(2)

## 2 PRODUÇÃO POÉTICA NA FASE ARCAICA DO PORTUGUÊS: AS CSM<sup>1</sup>

A Idade Média, para Fidalgo (2002, p. 59-65), foi uma época marcada pela produção de narrativas de milagres e de prodígios de santos, o que salienta não só a forte religiosidade do período, mas também a crença, enraizada decisivamente na mentalidade da população, na vivacidade de Deus em uma fase na qual as heresias faziam parte da ideologia da Igreja. As *Cantigas de Santa Maria* (CSM) surgem no referido contexto. Leão (2007, p. 17) e Massini-Cagliari (2015, p. 56) argumentam que a coletânea mariana foi escrita na segunda metade do século XIII por D. Afonso X, rei de Leão e Castela, e abarca 427 obras, das quais sete são repetições. Fidalgo (2002, p. 59-65) declara que, se o autor das cantigas não fosse o monarca, elas não chegariam a existir, pois sua condição régia forneceu os meios necessários para sua concretização. Leão (2007, p. 20) esclarece que o próprio rei compôs e traduziu uma grande quantidade de textos. Outros, porém, somente supervisionou, delegando parte da execução aos seus colaboradores.

Parkinson (1998, p. 185) acredita que os colaboradores de D. Afonso X só poderiam ter sido os trovadores conhecidos daquela época. Apesar dos esforços dos

<sup>1</sup> Neste estudo, termos como *poesias, poemas, textos (poéticos), obras, composições* etc. são empregados como sinônimos de CSM, a fim de evitar excesso de repetições. Cabe dizer que o gênero cantiga compreende a documentação poética da época arcaica do português, ou seja, o recorte lírico da produção realizada no período (Mattos e Silva, 2006, p. 36-37).

pesquisadores, ainda permanece a dúvida sobre quais deles, dentre tantos, fizeram parte dessa equipe. Para o autor, a organização do *scriptorium* do monarca integra um grupo de trabalhadores extenso e sistematizado, formado por tradutores de milagres (franceses, catalães, latinos e portugueses), músicos, clérigos, copistas, versificadores e miniaturistas. Sendo assim, muitos traços estilísticos individuais, existentes nas primeiras versões das poesias, perdiam-se durante o processo de escritura<sup>2</sup>, que envolvia diversas etapas. As indicações de autoria presentes em determinadas cantigas, logo, não passam de meras convenções literárias (Parkinson, 1998, p. 185).

A corte de D. Afonso X ficou conhecida como ponto de encontro dos grandes poetas, já que ele não só encorajava a atividade artística, como também a patrocinava e a praticava. Castro (2006, p. 69) pontua que o rei desejava que sua obra fosse objeto de interação com o leitor-espectador, dado que empregou inúmeros recursos visando a uma comunicação estética e subjetiva. O uso de discurso direto e de ilustrações realistas são exemplos desses meios, amplamente utilizados para tocar o leitor e trazê-lo para a intimidade dos fatos narrados. As CSM, deste modo, são marcadas por uma falta de impessoalidade. É possível observar um deslocamento consciente do rei dentro dos poemas, ora assumindo o papel de criador, voltado ao trabalho artístico, ora figurando como personagem, referenciando fontes de milagres da Virgem Maria, falando de si e de seus métodos criativos. O monarca arquiteta uma representação dele mesmo, maquiando-se de humildade. As CSM, para Castro (2006, p. 72), estão assinaladas pela presença assídua do soberano, que aparece não apenas nas imagens, como também nos dois prólogos, nas menções autobiográficas distribuídas no decorrer dos fólios e no emprego constante do pronome *eu*.

Embora a língua materna de D. Afonso X fosse o castelhano, as CSM foram escritas em galego-português. Filgueira Valverde (1985, p. XI) alega que o monarca seguramente passou parte de sua infância na Galiza e aprendeu o idioma da região, futuramente o adotando na elaboração da coletânea mariana. Schaffer (1999, p. 140) explicita que a produção das cantigas religiosas compreende cerca de 25 anos. Mongelli (2009, p. 282) e Massini-Cagliari (2015, p. 59) determinam que as CSM se situam em quatro cancioneiros: dois deles estão localizados no acervo da *Biblioteca del Monasterio de El Escorial*, na Espanha; o terceiro se encontra na Biblioteca Nacional de Madri; e o último está conservado na Biblioteca de Florença, na Itália.

Há dois tipos de CSM: as de milagre, que retratam as intervenções milagrosas da Virgem Maria em favor de seus fiéis, em distintas localidades; e as de louvor, mais pessoais e subjetivas, nas quais o rei de Leão e Castela exalta as virtudes da mãe de Deus. Mongelli (2009, p. 282) revela que o soberano atribuiu ao cancioneiro o formato de um rosário, intercalando dez poesias de milagre com uma de louvor. É necessário considerar que essas cantigas foram feitas para serem cantadas com o intuito de entreter um público seleta, muito provavelmente formado por cortesãos. Castro (2006, p. 102) argumenta que a obra oferece um panorama da mentalidade trovadoresca e dos costumes vigentes na Península Ibérica, além de propagar a mensagem de que o reino do monarca era um ambiente abençoado, bem como ele próprio.

---

<sup>2</sup> O processo de escritura é aqui entendido como o processo de produção das cantigas.

### 3 MÉTODO DE ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este trabalho apresenta uma análise qualitativa dos dados coletados sobre dois processos distintos em forma e função, mas que foram escolhidos por se aproximarem na função de expressar negação: o prefixo *des-* e palavras de valor negativo (tais como *sen, nunca, se non, senon, nen, non*). Para tal mapeamento, utilizaram-se as dez primeiras CSM, presentes na edição elaborada por Mettmann (1986, p. 53-304)<sup>3</sup>, em que foram destacados, primeiramente, os termos derivados, formados a partir da junção de prefixos com valor de negação. O único prefixo dessa categoria encontrado nas cantigas consideradas foi *des-*, que constituiu *desaconsellada, descreer, desnua-la* e *desesperança*. Esses vocábulos foram analisados por meio da Teoria dos Constituintes Imediatos, a partir da qual foi possível apurar quais as bases formadoras dos termos no PA e suas categorias gramaticais. Suas segmentações estão detalhadas no quadro 2 (seção 5).

Além da expressão da negação no nível morfológico, analisou-se também o fenômeno de negação no ambiente sintático. Em uma primeira leitura, foram coletadas as partículas de negação presentes ao longo das poesias: *sen, nunca, se non, senon, nen e non*. Nas leituras seguintes, foram destacadas as frases em que esses elementos figuram, que estão listadas também na seção 5, no quadro dedicado à negação sintática. Por fim, cada um dos dados foi estudado qualitativamente, de modo que sua estrutura foi analisada e comparada à expressão de conteúdo equivalente no português brasileiro (PB) atual. Para tais análises, contou-se com o auxílio do Glossário de Mettmann (1972)<sup>4</sup>, que permitiu a solução de dúvidas em relação aos vocábulos e expressões que fazem parte das estruturas sintáticas de valor negativo.

FLP21(2)

### 4 PREFIXO *DES-* E PALAVRAS DE NEGAÇÃO

Os dois fenômenos aqui observados, apesar de muito distintos em forma e função (um de ordem morfológica e outro, sintático-semântico-pragmática), foram escolhidos por tradicionalmente serem aproximados a partir da consideração de que se constituem ambos como processos de *negação*.

A negação consiste em um recurso argumentativo capaz de atuar não apenas no nível da sentença e de sua semântica, mas também atua nas esferas morfológica e pragmática. Há muito pouco sobre a temática nas gramáticas tradicionais do idioma, que dedicam somente duas ou três linhas para debater a questão, inserindo-a geralmente na seção dos advérbios de negação. Um exemplo disso se localiza no trabalho de Cunha (1970, p. 246), que cede ao tema três linhas e um caso de frase negativa. Segundo o autor, só o advérbio *não* deve ser considerado como sendo negativo, visto que *jamais* e *nunca* seriam estritamente temporais. Além disso, tece outra

---

<sup>3</sup> A edição em questão foi adotada por ser a de mais fácil acesso e, por essa razão, uma das mais conhecidas, o que faz com que tenha sido também adotada por outros trabalhos da área. Consiste em uma edição crítica, e foi escolhida por ser a mais usada entre os trabalhos do português arcaico.

<sup>4</sup> No entanto, o presente trabalho foi desenvolvido com base nas edições fac-similadas das cantigas, que consistem na reprodução fotográfica do documento original (cf. referências).

colocação questionável ao declarar que o advérbio de negação do PB altera unicamente a categoria dos verbos, devendo sempre anteceder-los.

Abreu (2003, p. 337), por seu turno, pondera que a partícula *não* se comporta como um advérbio não-predicativo, posto que não afeta o conteúdo do vocábulo ao qual se encontra ligada. Para o autor, quando se trata da negação, é muito importante considerar seu *escopo*, ou seja, o conjunto de tópicos impactados por uma determinada palavra ou locução. Logo, a negação pode abranger apenas um verbo ou uma expressão, podendo ultrapassar os limites da oração ou, ainda, atingir uma única parte da informação transmitida. A noção de *escopo* abordada pelo estudioso permite depreender que o processo de negação opera na sentença em diferentes níveis, não sendo função exclusiva de um dos elementos que a compõem.

Namiuti (2008) pontua que a negação, no português atual, apresenta um comportamento bastante semelhante ao dos pronomes clíticos, pois é morfologicamente dependente de alguns termos. Ademais, esse mecanismo é entendido pela pesquisadora como responsável por uma operação de modificação: o *não*, ao instanciar a negação sentencial, transforma o valor de verdade do verbo. O *não* é visto como um elemento nuclear, preso a uma certa morfologia sintagmática. A autora, assim, postula que o *não* é um *morfema* estreitamente associado ao verbo.

Gramáticos do PA, tais como Huber (1986 [1933], p. 260-261) e Coutinho (1974, p. 294), classificam *não* como um advérbio de negação capaz de alterar adjetivos, verbos e outros advérbios. A definição em questão também é adotada por gramáticos normativos do português moderno, embora vários deles já atribuam o estatuto de clítico ao referido termo, incluindo-o no conjunto de prefixos de negação da língua portuguesa (*in-*, *a-*, *des-*, entre outros). Campos (2009, p. 255) menciona que o rótulo de elemento prefixal tem sido conferido ao *não* em decorrência de sua ampla força de expressão, isto é, pelo fato de esse item estar sendo empregado com grande recorrência antes de participípios, de adjetivos e, até mesmo, de substantivos do PB.

De acordo com Martins (1994), na época arcaica do português, a negação geralmente se dava entre um pronome clítico e um verbo. Essa ordem, quase categórica em PA, não ocorre na língua portuguesa atual, em que, conforme Namiuti (2008, p. 199), tem-se *não* + pronome clítico + verbo: *Pedro confirmou que não me entregou o dinheiro*. Martins (1994) cita que o fenômeno de interpolação da negação entre clítico e verbo, embora muito comum na fase medieval, apenas acontecia nos domínios de próclise obrigatória. Além disso, considera que a inserção do *não* no referido contexto oracional é um processo com características distintas da intercalação de outros constituintes devido ao fato de que, a partir do século XVII, a adição do *não* continuou a ocorrer, enquanto o acréscimo de outros elementos desapareceu dos documentos escritos. Logo, Martins (1994) explica que, no sistema do PA, a partícula *não* estava fortemente ligada à morfologia do verbo, podendo ser interpretada como um morfema.

Alves (2015, p. 17) destaca que os gramáticos mais antigos da língua portuguesa classificavam as formações prefixais de palavra, quase unanimemente, no âmbito da composição, posição que também é encontrada no estudo empreendido por Câmara Jr. (1975, p. 213-234). De maneira contrária, para os gramáticos mais contemporâneos, a prefixação compreende um processo derivacional. Alves (2015, p. 18) esclarece que a tradição de se considerar esse fenômeno na esfera da composição provém do fato de os prefixos portugueses apresentarem uma origem adverbial ou preposicional e terem

FLP21(2)

sido formas livres. Cabe lembrar que os prefixos são definidos como partículas que se antepõem ao radical, a fim de remodelarem sua significação. Possuem, segundo Alves (2015, p. 19), maior força significativa do que os sufixos (pospostos ao radical), que detêm uma função morfológica, posto que podem mudar a classe do radical que origina o derivado. Cunha e Cintra (1985, p. 84) determinam que a transformação do sentido do radical não inviabiliza que os prefixos e os sufixos preservem uma relação semântica com ele. O referido vínculo de conteúdo é o que diferencia derivados de compostos, dado que, na composição, formam-se palavras que comumente se dissociam de seus radicais componentes, no nível do significado.

O caráter semântico expresso pelos morfemas prefixais também é investigado em alguns dicionários lexicográficos do idioma, que trazem referências ao contexto ocupado pela partícula na unidade lexical e salientam quais foram as mudanças de sentido provocadas por sua presença no início do termo. Alves (2015, p. 20) menciona que, do ponto de vista morfológico, a associação do prefixo a uma base estabelece a formação de uma nova unidade, que pode ser de caráter nominal (substantivos ou adjetivos) ou verbal. Convém citar que o enfoque deste artigo reside no prefixo *des-*, já que foi o único dado de morfema com conotação negativa identificado nas dez primeiras composições que integram a coletânea afonsina.

Em português, o prefixo *des-* pode se unir a todas as classes variáveis, gerando nomes e verbos. Câmara Jr. (1975, p. 231) afirma que essa unidade é o resultado da combinação das preposições *de* e *ex* do romance lusitânico, cuja aliança estimulou o aparecimento de um morfema de sentido negativo. Há certa confusão na literatura em relação aos prefixos *des-* e *dis-*, pois não existe um consenso entre os autores sobre o tema. Alguns deles, segundo Alves (2015, p. 42), postulam que *des-* tanto pode resultar da junção das preposições *de* e *ex*, como de *dis-*. Já Ali (2001 [1964], p. 250) defende que o elemento *des-* seria a romanização de *dis-*, forma que permaneceu em termos emprestados do latim e que se transformou em *des-* nas criações do português. Acrescenta ainda que, ao lado da distinção fonética, houve uma diferenciação semântica, a partir do desenvolvimento do valor negativo que já se averiguava na língua latina (*dispar*, *dissimilis*). Deste modo, o significado de separação/divisão que caracterizava o prefixo latino desapareceu no decorrer da constituição da língua portuguesa. Alves (2015, p. 42-43) pondera que na atualidade as construções com *dis-* são bastante limitadas em comparação com as formadas com *des-*, que se prende não só a bases verbais, mas também a participípios com função adjetival e a substantivos.

Embora em número reduzido, os dados constatados na lírica religiosa do século XIII são ocorrências da versatilidade do afixo *des-*<sup>5</sup>, que pode exprimir diversas acepções dependendo do vocábulo a que se associa. Em *descreer*, por exemplo, denota um ato contrário ao que é expresso pelo verbo primitivo, negando-o. Já em *desnua-la*, assume o sentido de retirada de alguma coisa de outra (*despir* ou *desnudar*, em PB). *Desesperança* simboliza a perda do que é manifesto pela base substantiva. Em *desaconsellada*, verifica-se uma forma participial com valor adjetival, que significa desamparada, sem ajuda, proteção ou amparo. É importante ressaltar que o prefixo em questão admite outras significações além das anunciadas, que variam de acordo com o ambiente lexical e situacional em que ocorrem. Logo, podem expressar disjunção

<sup>5</sup> Nenhum caso de *dis-* foi encontrado.

(*deslocar*), aumento de intensidade (*descomunal*), destruição (*despedaçar*), algo mal feito (*desgoverno*), algo contrário (*desordem, desconforto, desenterrar, desfazer*) etc.

## 5 LEVANTAMENTO DOS DADOS

Nos quadros a seguir, observa-se o mapeamento dos casos coletados pela análise das 10 primeiras CSM. A referida quantificação foi elaborada por meio da seleção dos versos contendo elementos com valor negativo em cada um dos poemas estudados. O exame das ocorrências foi empreendido em um momento posterior, no qual foram separados os dados de natureza sintática dos de caráter morfológico (prefixal, no presente artigo).

Quadro 1 – Negação sintática.

<i>nº da CSM</i>	<i>nº do verso</i>	<i>Versó<sup>6</sup></i> <i>(Mettmann, 1986)</i>
1	11	<b>sen</b> avermos pois a passar
1	27	u paryu <b>sen</b> tardada
1	33	E <b>non</b> ar quero obridar
1	37	<b>nen</b> como a contrada
1	40	por que <b>sen</b> demorada
1	63	<b>Nen</b> quero de dizer leixar
1	72	logo <b>sen</b> alongada
1	73	E, par Deus, <b>non</b> é de calar
2	7	<b>Sen</b> muita de bõa manna
2	31	u lles pareceu <b>sen</b> falla
2	38	achou muy fort' e <b>sen</b> medo
2	51	quen <b>ss' en</b> esta ta cadeira
2	52	se tu <b>non</b> es, s' assentasse
2	53	<b>nen</b> que per nulla maneira
3	37	a omagen; <b>sen</b> falir
3	39	son tan muitos, <b>sen</b> mentir
3	40	que, <b>se non</b> per rogos teus
3	41	<b>non</b> poss' eu perdon gãar
3	44	chorou tant' e <b>non</b> fez al
4	2	que <b>non</b> ardesse, que seu padre deitara no forno
4	10	ca el en mais <b>non</b> avia
4	72	cuidando <b>sen</b> outra ren
4	79	Pois souberon <b>sen</b> mentir
4	85	Deus, seu fill', e <b>sen</b> falir
4	92	Diss' el: <b>Non</b> , ca eu cobri
5	13	moller; mas pero del nome <b>non</b> sei, foi de Roma sennor
5	30	e de o castigardes ben <b>non</b> vos seja greu

<sup>6</sup> Os versos foram retirados de Mettmann (1986), ou seja, seguem as normas de transcrição adotadas pelo autor. As palavras em negrito consistem em um recurso empregado por nós para destacar a negação sintática.

5	48	barva <b>non</b> fez <b>nen</b> cercêou cabelos, e mal se vestiu
5	49	a seu irmão foi e da Emperadriz <b>non</b> s' espedyu
5	56	de sa moller, que, porque <b>non</b> quisera con ela errar
5	61	Quand' o Emperador de terra s' ergeu, logo, <b>sen</b> mentir
5	65	e deu-lle gran punnada no rostro, <b>sen</b> falar
5	66	e mandou-a matar <b>sen</b> a verdade saber
5	85	ca vejo-a mui fremosa, demais, semella-me <b>sen</b> mal
5	104	e <b>non</b> viã quen lla das mãos sacasse de <b>nenllur</b>
5	105	<b>senon</b> a Condessa, que lla fillou, mas esto muit' adur
5	112	mas ela diss' enton: Santa Maria, de mi <b>non</b> te dol
5	113	<b>nenno</b> teu Fillo de mi <b>non</b> se nenbra, como fazer sol?
5	115	tas mãos dela, <b>se non</b> , farey-te perecer
5	117	Os marÿeiros disseron enton: Pois est' a Deus <b>non</b> praz
5	119	de coita e d' affan e pois morte, u outra ren <b>non</b> jaz
5	120	ca, se o <b>non</b> fezermos, en mal ponto vimos seu solaz
5	121	E pois foy feyto, o mar <b>nona</b> leixou en paz
5	124	A Emperadriz, que <b>non</b> vos era de coração rafez
5	125	com' aquela que tanto mal sofrera e <b>non</b> hũa vez
5	131	A santa dona, pois que ss' espertou, <b>non</b> sentiu null' afan
5	132	<b>nen</b> fame, come se senpr' ouvesse comudo carn' e pan
5	135	ca na ta gran mercee <b>nunca</b> falecerán
5	140	de bõa gente, que <b>non</b> avia y mouros <b>nen</b> judeus
5	148	carn' e pescado do meu aver, que te <b>non</b> cost' hũa noz
5	160	mas de grand' algo que poren lle davan ela ren <b>non</b> pres
5	170	<b>Nunca</b> mayor trayçon desta om' oyrá
5	173	A Emperadriz fillou-s' a chorar e diss': A mi <b>non</b> nuz
5	178	quero servir, que me <b>nunca</b> á de falecer
5	180	Per nulla ren que ll' o Emperador dissesse, <b>nunca</b> quis
5	182	que ao segre <b>non</b> ficaría <b>nunca</b> , par San Denis
5	183	<b>nen</b> ar vestiria pano de seda <b>nen</b> pena de gris
6	7	Porend' a Sant' Escritura,   que <b>non</b> mente <b>nen</b> erra
6	40	todos, <b>senon</b> un judeu que lle quis gran mal des ende
6	60	que <b>non</b> vees a ta madre,   que ja sa mort' entende
6	64	ou viv' ou qual quer que seja;   <b>se non</b> , farás-me gran torto
6	69	a cantar "Gaude Maria",   que <b>nunca</b> tan ben cantara
6	84	mas leva-t' e di-o logo   mellor que <b>nunca</b> dissiste
6	85	assi que achar <b>non</b> possa   null' om' y que emende
7	7	<b>non</b> nos faça, <b>nen</b> peccar
7	8	o demo <b>sen</b> vergonna
7	25	ca, porque lles <b>non</b> sofrer
7	32	a fez, vëo <b>sen</b> vagar
7	41	Mas a dona <b>sen</b> tardar
7	59	que <b>non</b> sei que ll' aponna
8	14	e en toda-las eigrejas   da Virgen que <b>non</b> á par
8	25	dizend': Encantador sodes,   e <b>non</b> vo-la leixaremos
8	28	<b>non</b> quis leixar seus cantares,   e a candeia enton
8	37	O jogar por tod' aquesto   <b>non</b> deu ren, mas violou

FLP21(2)



8	40	fillar, mas disse-ll' a gente:   Esto vos <b>non</b> sofreremos
9	15	como <b>non</b> queria
9	30	log' ir <b>sen</b> tardança
9	41	os seus <b>sen</b> errança
9	46	<b>non</b> lle veo a mente,   que el prometera
9	51	bõa <b>non</b> seria
9	52	<b>sen</b> aver pitança
9	54	Quand' est' ouve dito,   cuidou-ss' ir <b>sen</b> falla
9	56	e como <b>non</b> levas,   asse Deus te valla
9	58	Esto <b>non</b> loamos
9	62	monja <b>non</b> avia
9	66	leixou ir, e logo   tornou <b>sen</b> tardada
9	81	<b>non</b> con felonia
9	85	guardar, <b>sen</b> dultança
9	88	que, macar se fora,   <b>non</b> perdera medo
9	91	Por que <b>non</b> matamos
9	95	logo <b>sen</b> perfia
9	101	Sandeus, <b>non</b> ponnades   en ele as mãos
9	116	serán, <b>non</b> erramos
9	131	Por no mar deita-la.   Que a <b>non</b> deitasse
9	153	O monge da dona   <b>non</b> foi connoçudo
9	156	<b>non</b> viu end' a porta   <b>nen</b> per u vëera
9	157	“Por que <b>non</b> leixamos.”
9	159	e <b>sen</b> demorança
9	168	Carne, <b>non</b> dultamos
9	170	dela, mas <b>non</b> rança

FLP21(2)

Quadro 2 – Negação morfológica<sup>7</sup>.

<i>n.º da CSM</i>	<i>n.º do verso</i>	<i>Verso (Mettmann, 1986)</i>	<i>Significado</i>	<i>Processo de formação</i>
1	60	muy <b>desaconsellada</b>	Privação de conselho	[[des] <sub>pref</sub> + [aconsellado] <sub>adj</sub> ] <sub>adj</sub> [[aconsella] <sub>verbo</sub> + [do] <sub>suf</sub> ] <sub>adj</sub> ] <sub>adj</sub>
3	22	e fez-ll' en Deus <b>descreer</b>	Descrer, renegar	[[des] <sub>pref</sub> + [creer] <sub>verbo</sub> ] <sub>verbo</sub>
7	52	e <b>desnua</b> -la mandou	Desnudar, despir	[[des] <sub>pref</sub> + [nu] <sub>adj</sub> + [ar] <sub>suf</sub> ] <sub>verbo</sub>
9	126	con <b>desasperança</b>	Sem esperança	[[des] <sub>pref</sub> + [asperança] <sub>subs</sub> ] <sub>subs</sub>

<sup>7</sup> Os versos foram retirados de Mettmann (1986) e seguem as normas de transcrição adotadas pelo autor. As letras em negrito consistem em um recurso empregado por nós para destacar a negação morfológica por meio do *des-*.

## 6 ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS

Conforme pode ser constatado por meio da observação dos quadros 1 e 2, a negação que atinge o nível sintático da língua se mostra muito mais produtiva no conjunto dos poemas arcaicos considerados do que a negação morfológica, localizada nos dados somente na forma do prefixo *des-*. Cabe ressaltar que a escolha de uma negativa sintática no lugar de uma forma morfológica pode ser motivada por diferentes fatores, não sendo o intuito deste artigo ponderar sobre as possíveis intenções dos compositores da época trovadoresca, mas apresentar uma análise voltada aos casos obtidos e sua relação com o ambiente oracional, com a temática das obras e com o contexto histórico.

Como já salientamos, a produção poética no estágio medieval era marcada por uma forte organização, no sentido que, no *scriptorium* do monarca, havia um grupo muito bem estruturado de trabalhadores responsáveis pelas mais distintas funções (Parkinson, 1998, p. 185). Portanto, não existia uma falta de coerência nas predileções, que eram selecionadas com o objetivo de conferir à coletânea religiosa uma ordenação harmônica. Ainda que não existisse, por lei, uma ortografia padrão estabelecida naquela etapa da língua, as variações, muito recorrentes nas cantigas, eram dotadas de alguma sistematização e sua escolha poderia ser motivada pela quantidade de sílabas poéticas do verso, pela rima, pelo assunto tratado etc. Assumindo essas informações, partiremos agora para uma análise da amostragem recolhida.

Com relação ao nível sintático, apuramos que a ideia de negação era construída por meio do uso das partículas *sen*, *nunca*, *se non*, *senon*, *nen* e *non*. É relevante pontuar que cada um desses elementos possui um comportamento particular nas CSM, fato que será demonstrado pela análise dos versos.

O item *sen* pode ocorrer antes de nomes, de sintagmas nominais e de verbos no infinitivo (singular e plural), veiculando comumente a ideia de *ausência*, *falta*, *privação*. É localizado nos poemas também como uma locução adverbial de afirmação (*sen al*), caso não contabilizado nos quadros 1 e 2, mas que se manifesta duas vezes nas obras religiosas aqui investigadas e significa *certamente*, *com certeza*, no PA:

CSM 4, verso 99: *e o menço **sen al***.

CSM 5, verso 82: *pois que o Cond' aqesto diss', enton atan toste, **sen al***.

Se adotarmos uma análise semântica de *sen al*, é possível depreender que *certamente/com certeza* expressam uma situação na qual se tem convicção, isto é, não há dúvidas. Então, a ideia de *ausência* é preservada, pois *certamente/com certeza* quer dizer *sem dúvidas*, de maneira indubitável e/ou assegurada, portanto.

O advérbio *nunca* dispõe de diferentes interpretações, sem, porém, perder seu caráter de negação. Pode apresentar um valor negativo que se relaciona com a noção de tempo ou pode se referir puramente ao ato de negar. Na segunda acepção, é possível substituir *nunca* por *non* sem que haja prejuízo na significação. No que diz respeito às palavras *se non* e *senon*, apuramos que elas espelham a mesma distinção percebida nos dias atuais. *Se non* é uma conjunção adversativa que carrega um sentido condicional. *Senon*, por sua vez, é uma preposição que expressa exceção ou exclusão. Deste modo, aferimos que, já naquele momento do português, eram seguidas certas convenções na escrita, como o acréscimo de um espaço em branco na grafia da expressão *se non* para o separar semanticamente de *senon*.

(1)

CSM 5, verso 115: *tas mãos dela, **se non**, farey-te perecer* = **Caso não** tire as mãos dela

CSM 6, verso 40: *todos, **senon un judeu** que lle quis gran mal des ende* = **Exceto** um judeu

A palavra *nen* se configura como sendo uma conjunção copulativa. Comumente, aparece depois que uma negação foi introduzida por outra partícula. Então, participa de duplas negações construídas em um único verso, podendo também se relacionar com informações difundidas em trechos mais anteriores da poesia. Transmite uma adição negativa, ou seja, divulga o sentido de *também não, e, ou*, conforme a conjuntura semântica. Cabe pontuar que os vocábulos *nen* e *non* podem ocorrer conectados com outros elementos (*nen* e *nona*). A união de palavras era comum nas coletâneas poéticas da época arcaica, visto que era necessário *encaixar* os dizeres nos versos para que todos eles tivessem o mesmo número de sílabas poéticas. Os quadros 1 e 2 demonstram essa prática, que figura em grande parte das sentenças.

(2)

CSM 5, verso 113: ***nen**o teu Fillo de mi non se nembra, como fazer sol?*

**Nen** + **o** (artigo definido masculino singular)

CSM 5, verso 121: *E pois foy feyto, o mar **nona** leixou en paz*

**Non** + **a** (pronome objeto direto)

O advérbio *non* consiste no elemento de negação mais recorrente nos dados e denota um comportamento bastante próximo ao da partícula *não* do português moderno. Na grande maioria das cantigas estudadas, precede verbos e participa de duplas negações. Ademais, traz o pronome para frente do verbo, seguindo a mesma regra de próclise observada hoje no PB. Pode se realizar também na forma de resposta, ocorrência muito frequente nos dias atuais e que aparece no verso 92 da CSM 4, conforme exibimos na estrofe abaixo:

(3)

*O moço logo dali  
sacaron con alegria  
e preguntaron-ll' assi  
se sse d' algun mal sentia.  
Dis' el: "**Non**, ca eu cobria  
o que a dona cobria  
que sobelo altar vi  
con seu Fillo, bon donzel."*

(Mettmann, 1986, p. 65-66, grifo nosso)

No *corpus*, foram encontrados três dados nos quais o verbo que antecede o advérbio está suprimido. Muito provavelmente, o apagamento aconteceu em virtude da contagem métrica dos versos, que respeitavam um determinado padrão, de acordo com o texto. A omissão do elemento verbal pode ser constatada nas CSM 5 e 9:

(4)

CSM 5, verso 125: *com' aquela que tanto mal sofrera e **non bña vez*** = E não **sofrera** somente uma vez (sofrimento que se repete)

CSM 9, verso 81:

*E log'y a preto | un leon, u jouve,*

*achou, que correndo | pera ele vêo*  
*de so ãus ramos,*  
*non con felonia,*  
*mas con omildança;*  
 = Não **correndo** com irritação (de modo irado)  
 CSM 9, verso 170: *dela, mas non ranca* = Mas não é rança (carne menos  
 saborosa, sem opulência ou aspecto de fartura)

Duas outras frases merecem especial atenção. Na CSM 8, verso 25 (*dizend'*: *Encantador sodes, | e non vo-la leixaremos*), a palavra *vo-la* se encontra em seguida do vocábulo *non*. Uma interpretação possível para essa ocorrência é considerar que *vo-la* simboliza a união do pronome oblíquo objeto indireto *vos* e do pronome oblíquo objeto direto *la*, representando a partícula *lha* (*lla*, no PA). A ponderação aqui descrita é assegurada pelo contexto da cantiga e pelos casos do PB falado na atualidade. Já na CSM 5, verso 148 (*carn' e pescado do meu aver, que te non cost' hũa noz*), o pronome relativo *que* puxa *te* para antes de *non*. Como ambos os termos (*que* e *non*) podem suscitar o deslocamento do pronome para frente do verbo no português, o fato de *te* estar antes de *non* (e não depois, como normalmente acontece) pode ser concebido como uma escolha sintática do trovador responsável pela composição.

Por fim, faz-se necessário comentar os casos apurados de negação morfológica, que não foram numerosos, mas que apresentaram um prefixo muito produtivo hoje (*des-*). Mesmo diante de apenas quatro dados, foi possível constatar que esse prefixo pode se unir a bases tanto verbais quanto nominais. Em *desasperança*, pode-se verificar a prefixação por meio da base *asperança*, um substantivo. Ainda entre as bases nominais, tem-se *desaconsellada*, adjetivo deverbal, formado a partir do tema do verbo *aconsellar*. Entre as bases verbais, tem-se *descreer*, que se forma pelo verbo *creer*. Nos três exemplos acima, a prefixação não mudou a categoria gramatical das bases, recurso próprio somente da sufixação.

Por sua vez, no vocábulo *desnua-la* estamos diante de uma derivação parassintética, isto é, há uma prefixação e uma sufixação que ocorrem simultaneamente. Pelo adjetivo *nu* se formou o verbo *desnuar*, com prefixação em *des-* e sufixação em *-ar*. Tal hipótese é defendida pelo fato de não haver no Glossário casos de formações intermediárias (*\*desnu* e *\*nuar*); e por tal formação apresentar uma versão contemporânea, *desnudar*, que se porta da mesma maneira.

## 7 CONCLUSÃO

No exame dos dados, percebem-se as aproximações e os distanciamentos de forma e função dos dois mecanismos considerados como 'de negação' na época arcaica: o prefixo *des-* e as palavras negativas. No diminuto *corpus* considerado, a negação sintática ocorre de maneira muito mais recorrente do que a morfológica, que figura em apenas quatro dos cento e cinco trechos mapeados. O único afixo com valor negativo identificado foi o prefixo *des-*. A negação sintática se dá a partir do uso das palavras *sen*, *nunca*, *se non*, *senon*, *nen* e *non*, que carregam o mesmo significado tanto no estágio trovadoresco do idioma como na etapa contemporânea. O advérbio *non* é o elemento de negação mais empregado nas poesias, ou seja, já naquela época poderia ser interpretado como a partícula prototípica de negação. É preciso sublinhar que a temática e a estrutura poética das cantigas são fatores determinantes para a utilização

de um termo e não de outro no momento de passar algum conteúdo negativo ao espectador, assim como para a seleção de uma negação que abarca o nível sentencial ou a constituição morfológica do vocábulo.

Enfim, o que fica claro, ao final das análises desenvolvidas, é que, mesmo tendo sido aproximados por estudiosos como Huber (1986 [1933], p. 260-261) e Coutinho (1974, p. 294) enquanto processos ‘*de negação*’, um no nível morfológico e outro, sintático, até por esta razão esses dois processos comportam-se de maneira muito diversa, não sendo possível aproximá-los em forma e função. Mesmo a sua aproximação semântica é questionável em termos de produção de negação, uma vez que a flutuação de sentidos atribuídos ao prefixo *des-* muitas vezes o distancia da produção da negação. Além disso, apenas palavras negativas como *não* estão sujeitas a escopo; por outro lado, o escopo da ação de um prefixo é sempre determinado e invariável.

## REFERÊNCIAS

Abreu AS. Gramática mínima: para o domínio da língua padrão. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial; 2003.

Afonso X, o sábio. Cantigas de Santa María: edición facsímil do códice de Toledo (To). Biblioteca Nacional de Madrid (Ms. 10.069). Vigo: Consello da Cultura Galega/Galaxia; 2003.

Ali MS. Gramática histórica da língua portuguesa. 4ª ed. São Paulo/Brasília: Melhoramentos/Editora UnB; 2001. [1ª ed.: 1964]

Alves IM. Derivação prefixal. In: Rodrigues A, Alves IM, organizadores. Gramática do Português Culto Falado no Brasil – Volume VI – A construção morfológica da palavra. São Paulo: Contexto; 2015. p.17-43.

Anglés H. La música de las Cantigas de Santa María del rey Alfonso el sabio: fac-símil, transcripción y estudio crítico por Higinio Anglés. Barcelona: Diputación Provincial de Barcelona/Biblioteca Central/Publicaciones de la Sección de Música; 1964.

Câmara Jr. JM. História e estrutura da língua portuguesa. 1ª ed. Rio de Janeiro: Padrão; 1975.

Campos L. O desenvolvimento do prefixo não. In: Oliveira K, Cunha e Souza HF, Soledade J, organizadores. Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias [online]. Salvador: EDUFBA; 2009. p. 247-271.

Castro BM. As Cantigas de Santa Maria: Um estilo gótico na lírica ibérica medieval. Niterói: EdUFF; 2006.

Coutinho IL. Pontos de gramática histórica. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica; 1974.

Cunha C. Gramática moderna. Belo Horizonte: Itatiaia; 1970.

Cunha C, Cintra L. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1985.

Fidalgo E. As Cantigas de Santa María. Vigo: Edicións Xerais de Galicia; 2002.

Filgueira Valverde J. Introducción. In: Alfonso X El Sabio. Cantigas de Santa María: Códice Rico de El Escorial. Madrid: Castalia; 1985. p. XI-LXIII.

- Glosario. Universo Cantigas. Coruña: Facultade de Filoloxía; 2019. [citado 10 jun. 2019]. Disponível em: <https://universocantigas.gal/glosario>.
- Huber J. Gramática do português antigo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; 1986. [1ª ed. alemã: 1933]
- Kehdi V. Formação de palavras em português. São Paulo: Ática; 1992.
- Leão ÁV. Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o sábio. Aspectos culturais literários. São Paulo/Belo Horizonte: Linear B/Veredas & Cenários; 2007.
- Martins AM. Clíticos na história do português [tese]. Lisboa (Portugal): Universidade de Lisboa; 1994.
- Massini-Cagliari G. A música da fala dos trovadores: desvendando a prosódia medieval. 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP Digital; 2015.
- Mattos e Silva RV. O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto; 2006.
- Mettmann W. Glossário. In: Mettmann W. Afonso X, o sábio. Cantigas de Santa Maria. Coimbra: Universidade de Coimbra; 1972.
- Mettmann W, organizador. Cantigas de Santa María (cantigas 1 a 100): Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia; 1986.
- Mongelli LM. Fremosos cantares: antologia da lírica medieval galego-portuguesa. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes; 2009.
- Namiuti C. Negação sentencial na diacronia do português: variação com estabilidade. Revista de Estudos da Linguagem. 2008;16(2), jul./dez:193-239.
- Parkinson S. As Cantigas de Santa María: estudo das cuestións textuais. Anuario de estudios literarios galegos; 1998. p. 179-205.
- Schaffer ME. Los códices de las Cantigas de Santa María: su problemática. In: Montoya Martínez J, Domínguez Rodríguez A, coordenadores. El scriptorium alfonsí: de los libros de astrología a las “Cantigas de Santa María”. Madrid: Editorial Complutense; 1999. p. 127-148.

FLP21(2)